



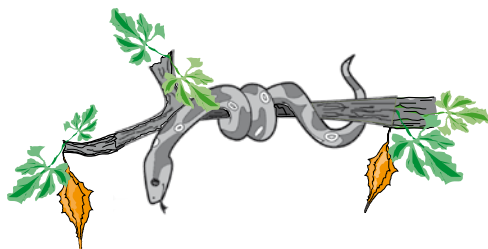
José Mendes Fonteles Filho
ORGANIZADOR

Maria Piedade dos Santos
Maria Aurilene de Holanda
Francisco Elisnaldo de Sousa

Fauna e flora Tremembé da Região da Mata



FAUNA E FLORA
TREMembÉ
DA REGIÃO DA MATA



Presidente da República
Dilma Vana Rousseff

Ministro da Educação
Henrique Paim

Universidade Federal do Ceará - UFC

Reitor
Prof. Jesualdo Pereira Farias

Vice-Reitor
Prof. Henry de Holanda Campos

Imprensa Universitária
Diretor
Joaquim Melo de Albuquerque

José Mendes Fonteles Filho
(organizador)

Maria Piedade dos Santos
Maria Aurilene de Holanda
Francisco Elisnaldo de Sousa

FAUNA E FLORA
TREMEMBÉ
DA REGIÃO DA MATA



Fortaleza
2014

Fauna e flora Tremembé da Região da Mata

Copyright © 2014 by José Mendes Fonteles Filho (Org.), Maria Piedade dos Santos, Maria Aurilene de Holanda, Francisco Elisnaldo de Sousa

Todos os direitos reservados

Impresso no Brasil / Printed in Brazil

Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará (UFC)
Av. da Universidade, 2932, Benfica — Fortaleza - Ceará

Coordenação Editorial

Ivanaldo Maciel de Lima

Revisão de Textos

Antídio Oliveira

Projeto Gráfico e Diagramação

Sandro Vasconcellos

Capa

Heron Cruz

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Bibliotecária Luciane Silva das Selvas CRB 3/1022

S237f Santos, Maria Aurilene dos.
Fauna e flora Tremembé da Região da Mata / Maria Piedade dos Santos, Maria Aurilene dos Santos, Francisco Elisnaldo de Sousa; Organizador: José Mendes Fonteles Filho. - Fortaleza: Imprensa Universitária, 2014.
112 p. : il. ; 21 cm. (Magistério pé no chão)

ISBN: 978-85-7485-221-8

1. Índios Tremembé - educação - Almofala (Itarema, CE).
2. Índios - educação. I. Título.

CDD 371.829808131

AGRADECIMENTOS

Às lideranças que contribuíram dando seus depoimentos para a preparação deste livro.

Aos orientadores que nos deram apoio e acreditaram na nossa capacidade.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES, pelo apoio à realização deste trabalho, através da disponibilização de bolsas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID Diversidade, que muito favoreceu as condições da pesquisa e conclusão do MITS.

Aos alunos que nos ajudaram impulsionando as pesquisas e nos concederam ilustrações para realização do trabalho, em especial a Francisco Manoel Guilherme (Fransquim), Rita Marcidiane Azevedo, Daniel Xavier dos Santos e Maria Milena Gonçalves Miranda.

À Ariane dos Santos, pelo auxílio nas ilustrações.

A Miguel Sávio de Carvalho Braga e Elisa Lombard pelas fotografias de alguns animais.

Aos familiares pela compreensão em nossas ausências nos respectivos lares.

Aos parceiros que nos incentivaram durante todo o processo.

Às pessoas da comunidade que nos acolheram nas suas casas com delicadeza e atenção.

Aos colegas do MITS que estiveram nessa caminhada conosco durante toda a trajetória.

APRESENTAÇÃO

Este livro constitui um guia que, sem a pretensão de ser completo e definitivo, tem por finalidade dar uma noção sobre as espécies vegetais e animais mais comumente encontradas na região do aldeamento Tremembé de Itarema - particularmente da Região da Mata mais a comunidade de Passagem Rasa - e que são parte importante da cultura desse povo.

O livro constitui-se de entrevistas com os mais velhos, fotografias e desenhos das plantas e animais que existiam antes e de alguns que existem ainda hoje. As ilustrações de animais foram feitas por nossos alunos, depois de explicarmos, em sala, o projeto e sua finalidade, mostrando, assim, seu potencial e os conhecimentos dos mesmos através dos desenhos expostos.

As entrevistas foram desenvolvidas com lideranças de cada comunidade que constitui a Região da Mata. Levamos em consideração o tamanho da região e os pontos de vista de cada entrevistado sobre o assunto, além dos conhecimentos das pessoas mais velhas com relação ao tema. Assim, foram entrevistados: Sabino Gonçalves Marciano, Maria Francisca Félix, Antônio Valdir de Holanda, Deusdete Cabral de Sousa, Maria Francisca Cabral de Holanda e Manuel “Maroca”, da Varjota; José Reinaldo Sobrinho e Francisco Izídio dos Santos Filho, da Passagem Rasa; Estevão Henrique dos Santos, da Tapera.

Também desenvolvemos um trabalho de pesquisa via internet. Recorreremos ainda ao método de observação e cons-

tatação das espécies pesquisadas, uma vez que alguns tipos de plantas e animais são conhecidos por nomes diferentes.

Com base em tudo isso, conseguimos constatar as consequências que levaram ao desaparecimento da fauna e da flora Tremembé, que tinham grande importância para esse povo.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS PARA O POVO TREMEMBÉ	13
2.1 Fauna e flora nos costumes do povo Tremembé	13
2.2 Fauna e flora como fonte de sobrevivência	17
3 OS ANIMAIS E AS PLANTAS DE ANTIGAMENTE	21
4 A FAUNA E A FLORA HOJE.....	25
5 OS IMPACTOS DA EXTINÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES NA VIDA DO POVO TREMEMBÉ	29
6 FLORA TREMEMBÉ.....	31
7 FAUNA TREMEMBÉ	81
BIBLIOGRAFIA	107



INTRODUÇÃO

O povo Tremembé é uma comunidade indígena situada ao norte do Ceará, mais especificamente na zona litorânea desse espaço. Sobrevive tradicionalmente da caça, da agricultura e da pesca.

O aldeamento de Almofala compreende uma faixa de 4.900 hectares, sendo subdividida em duas áreas: Região da Praia e Região da Mata, separadas pelo rio Aracatimirim. De um lado, a Região da Mata, constituída de várias comunidades: Camundongo, Varjota, Tapera, e Batedeira I e II; nas quais nos propusemos a pesquisar e registrar sobre a fauna e flora e a sua importância para essas comunidades, bem como quais os impactos sofridos pelos indígenas diante das mudanças causadas pela invasão da empresa Ducoco e os demais posseiros que chegaram a essa terra.

Do outro lado, a Região da Praia, constituída pelas comunidades de Panã, Sítio Urubu, Saquinho, Lameirão, Curral do Peixe, Mangue alto, Praia e Passagem Rasa. Apesar de a Aldeia de Passagem Rasa fazer parte da Região da Praia, nos comprometemos a pesquisar sobre a sua fauna e flora e os impactos ocorridos mediante a chegada do progresso. Ela foi escolhida para ser pesquisada, porque é a única comunidade onde ainda existe uma diversidade de plantas nativas, implicando na existência de muitos animais que residem nesse es-

paço. Dessa forma e por isso é que tentaremos mostrar todo um processo de mudança, bem como mostrar toda uma riqueza de seres existentes na natureza que nossos antepassados desfrutavam nessa região.

É importante frisar que toda essa riqueza natural foi, sem dúvida, um dos fatores que atraiu muitos posseiros para essa terra. Sem contar o fato de a terra ser muito fértil para diversos fins.



A IMPORTÂNCIA DAS PLANTAS E DOS ANIMAIS PARA O POVO TREMEMBÉ

A vida dos Tremembé sempre foi baseada em uma rotina que vinha passando de geração em geração, ou seja, as práticas dos mais velhos de buscar na natureza tudo o de que eles precisavam para sobreviverem eram repassadas para os mais novos, a fim de manterem vivo aquilo que era tradicional.

Devido a essa dependência muito acentuada da natureza, a relação dos índios com os animais e as plantas acontece de maneira bastante peculiar.

A relação dos índios com as plantas e os animais é manifestada de diversas formas, como nas experiências, curas do corpo e espírito, rezas, nas expressões do cotidiano, nos passos da dança e nas letras das músicas do torém e nas receitas caseiras; além do uso principal, os alimentos da carne dos animais e ainda o uso das plantas como outras utilidades.

2.1 FAUNA E FLORA NOS COSTUMES DO POVO TREMEMBÉ

Os índios Tremembé desfrutaram de suas sabedorias adquiridas das plantas e animais para decifrar os fenômenos naturais, tendo como indicadores, por exemplo, a experiência com as formigas de asas: segundo a liderança Antônio Valdir de Holanda, de 70 anos, conhecido como Valdir, “quando aparecem muitas formigas de asas, é sinal de bom inverno e que

logo logo irá chover. E ainda, quando os porcos e o gado escaramuçam, ou quando o pau-ferro floresce cedo estão indicando um inverno cedo e bastante intenso”.

Outro aspecto que demonstra a relação entre o povo Tremembé com os animais e as plantas são as expressões do cotidiano, uma vez que essas, às vezes, são advindas da tentativa de imitações das vozes de animais e da apropriação de vocábulos de plantas utilizados como expressões no dia a dia que estabelecem significados diferentes, dependendo do contexto de uso. Para ilustrar tal afirmação vejamos o que diz a liderança Valdir: “botar o bode de cu pro chiqueiro”, significa passar por um perrengue, por uma situação difícil, de aperto. A expressão “cara de vaca espaça” quer dizer cara grande e que não tem vergonha.

A música “Ô Jandê”, cantada e dançada no ritual Torém, é a tentativa de imitação do canto do pássaro jandaia. Além dessa música citada, há outras composições atuais como; “Tremembé do Igarapé” e “Tava sentado na pedra”, entre outras, que retratam essa relação. Vale lembrar que atualmente muitas músicas são compostas a partir do trabalho dos docentes nas escolas com os alunos. É o exemplo de “Vamos tirar o caju”. Outra ilustração é o uso do nome da planta “coaçu”, em caracterização de nome de sala de aula. Isso se torna prática dentro do aldeamento Tremembé.

Os passos da prática do Torém emitem uma imitação das andanças e vivências dos animais locais, como a briga dos guaxinins, o bote da cobra caninana e o salto da tainha, entre outros. No primeiro exemplo, os participantes da dança ensaiam dois guaxinins brigando por defesa de território. No segundo, a música retrata o salto do animal na tentativa de atingir algo almejado. E, no terceiro, é propagada uma vivência de pesca, onde os torenzeiros tentam imitar, com o canto, o salto de um peixe do lagamar, a tainha, a qual salta para fugir mais rápido do predador, no caso, o pescador.

Na verificação das músicas do Torém, ritual sagrado dos Tremembé, pode-se constatar também essa relação do povo

com a natureza. O Torém é dançado em forma circular, acompanhado pela batida do maracá e das vozes dos dançarinos presentes, além de outros instrumentos. O maracá é um instrumento feito de coco raspado, furado e colocado dentro dele sementes que, ao balançar, emite um som melódico propício à dança do Torém. Hoje há poucas pessoas com habilidades de fazer o maracá, entre elas, podemos citar a liderança Zé Biinha e o Pajé Luiz Caboclo.

As músicas desse povo, de maneira geral, apontam que as plantas eram bases de sobrevivência dos nativos dessa região, pois esse sempre usou a flora como fonte inspiradora para sua composição, remetendo à importância dessa flora para a população. Assim, essa relação de sobrevivência é uma dependência do povo para com as plantas, implicando no fato de que a flora, assim como a fauna, é de suma importância para o povo Tremembé, pois dela os nativos sempre tiraram o de que precisavam para a sobrevivência.

Além disso, as plantas eram usadas como personagens na criação de histórias que traziam ensinamentos para as futuras gerações. Para ilustrar essa afirmação, vejamos o relato de uma história, que conta que um pescador, em uma de suas pescarias à noite, deu de cara com uma assombração e, nesse ato, ao jogar a tarrafa no meio do lagamar, o que lançou foi uma moita de mufumbeiro. Naquele momento, o pescador deixou sua tarrafa, saiu correndo e foi embora. No outro dia, quando retornou ao local com um amigo, não encontrou mais nada. Assim ele disse que o mufumbeiro era uma visagem, uma assombração, que estava ali para avisar que não podia pescar naquele local.

No que diz respeito às plantas, a relação entre elas e o povo é bastante íntima, pois os Tremembé também se utilizam delas de diversas maneiras no cotidiano, seja como fonte de alimento, uso apenas do nome, seja como serventia na construção de objetos artesanais do dia a dia. Existem algumas que são usadas como remédios, outras como instrumentos de curas, outras como apoio de encontros, enfim elas

possuem diversas serventias: a malva, que é utilizada para fazer remédios visando tratar doenças, o mangue como instrumento para fazer cabo de enxada, foice, etc. O cajueiro, para diversos fins; um deles, formar chaprão de prensa em uma casa de farinha. O chaprão é um instrumento feito de madeira usado para prensar a massa da mandioca, no processo de enxugar para torná-la farinha. Outro fim do cajueiro é o fornecimento do caju, com o qual é feito o mocooró, que é um líquido espremido do caju azedo, coado, fermentado e, depois de um tempo, pronto para beber. O mesmo é usado no ritual sagrado do Torém. Além disso, há outras plantas que servem apenas de enfeite nos lares das pessoas. E também, como já foi citado, existem aquelas que são usadas em rezas para os precisados: o pião-roxo, o pião-brabo, a vassourinha e a manjerioba.

Sabino Gonçalves Marciano de 76 anos, liderança da Varjota, diz que a reza é para as defesas do corpo ou do espírito ao deitar e ao levantar, para vivermos em paz. Já a cura é diferente porque as palavras mudam, ou seja, são rezas com poderes diferentes, pois as demandas que se encostam nas pessoas, muitas delas, são sujas, e têm o coração mau, por isso as palavras são mais fortes. Diz ainda que algumas plantas são usadas exclusivamente para cada tipo de reza. Exemplos disso são o pião-roxo e a vassourinha, que são usados para se rezar de quebrante, mau olhado e outras. Já o pião-brabo é usado para afastar demônios, pois o mesmo serve para rezar e curar. Salienta ainda que uma reza tem que ser ímpar.

Existem pessoas que rezam e curam ao mesmo tempo, e outras que só rezam ou só curam. Segundo dona Lucrecia, a macumba é para fazer coisas ruins, botar feitiço, já a cura é para retirar as coisas ruins que perturbam alguém. Ela afirma que apenas cura e que isso só acontece com ajuda dos Encantados. Diz ainda que sem invocar os Encantados ela não sabe de nada, ou seja, por si só, ela não realiza nenhum tipo de cura, nem tampouco, reza, mas que basta invocar seus mestres

e consegue tudo isso, ou seja, tanto reza como cura. Assim são os Encantados que usam seu corpo para realizarem seus atos.

2.2 FAUNA E FLORA COMO FONTE DE SOBREVIVÊNCIA

O povo Tremembé sobrevivia basicamente da caça, da pesca e da coleta de frutas, sementes e raízes. A caça ocorria com menos intensidade do que as outras fontes, devido à adaptação com a zona litorânea. Mas, mesmo assim, esse povo desfrutava das riquezas que suas matas lhe ofereciam, pois naquela época existia uma diversidade de animais e outras fontes de sustento. Devido a essa abundância de seres existentes na mata, no lagamar, nas lagoas e de frutas e sementes, a sobrevivência se dava de maneira simples, pois a quantidade e a diversidade favorecia a busca de alimentos.

O viver cotidiano dos Tremembé se dava repentinamente em caçar e coletar no período das cheias, época em que ficavam escassos os alimentos advindos do rio. Assim, as famílias migravam para o alto das matas e, quando baixavam as águas, voltavam para a zona litorânea, retornando à prática da pesca com mais intensidade.

No período em que se intensificava a coleta de frutas, sementes e raízes, essas famílias coletavam para suas refeições mais simples e mais leves, como se chamam hoje de merendas, e caçavam animais para as refeições mais pesadas, é o que chamamos hoje de almoço e janta. Geralmente, os homens caçavam, e as mulheres coletavam frutos para que ambos pudessem sustentar suas famílias e assim saciar o sabor das espécies.

É bom frisar que o povo Tremembé não perdeu totalmente esses costumes, apenas estes se tornaram menos frequentes devido ao desmatamento que houve dentro da área Tremembé. Com isso, algumas espécies desapareceram, e o povo teve que se habituar a novos costumes, que permanecem até os dias de hoje.

Essa sobrevivência dos Tremembé, com base na fauna e na flora locais, mostra uma relação de intimidade entre os personagens citados no processo, pois esses mantinham dependência sem se destruírem, de forma que havia uma harmonia entre os mesmos. Apesar da consciência da morte por parte dos animais, os nativos não imaginavam o desaparecimento de sua alimentação, pois havia muitas espécies e em grandes quantidades e, ainda, pelo fato de que se caçava apenas para o consumo diário, sem o pensamento do acúmulo de alimentos para o próximo dia. Dessa forma, as caçadas eram algo natural e necessário para o ato de saciar a fome das pessoas.

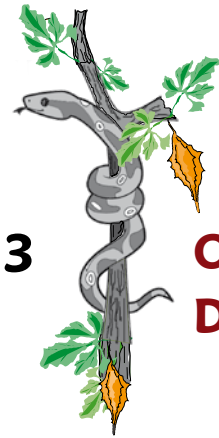
No que diz respeito à fauna, os índios tinham nela a base de apoio de resistência física, vinda dos alimentos, ou seja, entendiam que os alimentos propiciam a energia suficiente para os seres manterem-se vivos, o consumo da carne desses seres fazia com que isso ocorresse. Tinham também a fauna como base espiritual, uma vez que os nossos antepassados usavam estes como espelhos de resistência para as ações nas lutas e nos combates contra os invasores que adentravam em seus espaços, e como uso dos restos mortais de animais, como o chifre do boi e o couro do guaxinim para fazerem curas, rezas e espantarem sentimentos e/ou energias negativas que, porventura, viessem se encostar às suas moradias.

Além de tudo isso, os índios sempre utilizavam os animais como ponto de partida para criarem suas histórias, provérbios e repassarem seus ensinamentos para as futuras gerações, na tentativa de deixar um aprendizado para seus sucessores diante da dura realidade, que era a vida; remetendo, assim, à ideia da importância desses seres, os animais, para a população não só como fonte de sobrevivência no que diz respeito à alimentação, mas também como fonte de legado para o enfrentamento das batalhas ao longo da vida.

Ao referir-se à flora, essa relação de sobrevivência também era bastante acentuada, uma vez que a população sempre usou das plantas nativas para os mais diversos fins precisos em sua vida. Seja direta ou indiretamente. O que fica

claro é que havia uma verdadeira dependência da flora local. Ou seja, as comunidades sempre sobreviveram do que as matas ofereciam. Essa alimentação era advinda da busca de sementes, frutos e raízes das plantas para o consumo.

Tudo isso pode ser constatado através dos relatos dos antigos moradores. Segundo as lideranças José Reinaldo Sobrinho e Francisco Izídio dos Santos Filho, a natureza era o único meio de as famílias sobreviverem, pois dela tiravam tudo o de que precisavam para a alimentação, vestes e curas, uma vez que não existiam outras fontes pra buscarem aquilo de que se necessitava. Segundo ainda essas lideranças, quando faziam seus roçados, plantavam pés de algodoeiros nos aceiros e, deles, se tirava o algodão e se faziam as roupas e redes de dormir. E como não havia medicina convencional, eles usavam as plantas e utilizavam seus conhecimentos para as curas e rezas.



OS ANIMAIS E AS PLANTAS DE ANTIGAMENTE

Antigamente, a área Tremembé era bem ampla, constituída por plantas e animais de todas as espécies e chamava atenção das pessoas devido à beleza das plantas, o canto dos pássaros e toda a abundância de seres vivos propícios ao espaço, relacionando-se de forma peculiar, o que enchia os olhos da população residente e dos que visitavam o local.

A vida dos animais nessa área era o que se poderia imaginar e designar de paraíso, pois, além dessa imensidão de seres existentes, se podia deparar com as maravilhas que a natureza oferecia. A exuberância dos córregos e lagoas vinha acompanhada de seres que ditavam o ritmo da vida natural e dos nativos que a cercavam.

É de se imaginar o vai e vem de pássaros como o socó-boi, o carão, a lavandera, entre outros, no emaranhado de plantas propiciando uma vida tranquila. Plantas como o juazeiro, milome, catingueira, que emitiam cheiros que atraíam cada vez mais as aves e os animais como o tatu, a cutia, a onça, o gato-do-mato; e outra diversidade de animais que buscavam sombras e refúgios das plantas. Eles se alimentavam de sementes, além de utilizarem os locais para tocaias para, por exemplo, esperar suas presas embaixo das árvores para atacá-las e devorá-las.

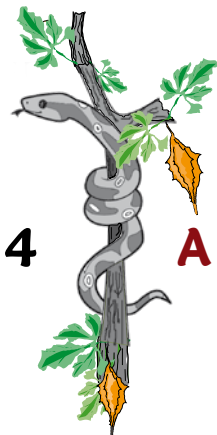
É de se pensar no sobe e desce dos punarés e soins nas copas das árvores e nos emaranhados dos mufumbeiros, pou-sando, saltando e soltando ruídos, como se fossem verda-deiras modelos das passarelas da vida. E ainda, é de esse en-cher a boca d'água ao se lembrar das caçadas por entre as veredas e dos prados com os guaxinins, tejus e camaleões, na tentativa de pegá-los para saborear suas carnes, juntamente com seus familiares.

Essa diversidade de animais cantando, andando e sal-tando dentro da mata fazia a vida ser mais serena e cheia de graça, pois se vivia mais em harmonia com as plantas e se caçava, pescava e se coletava apenas o bastante para as refei-ções daquele dia. Assim, no outro dia, era uma nova batalha pela sobrevivência, sem degradar a vegetação.

A complexidade de uma vegetação permeada de outros diferentes recursos naturais propicia a interação da popu-lação com o meio de forma que se pode tirar aquilo de que se precisa sem destruir os demais seres vivos. Isso acontecia an-tigamente de maneira natural, pois o homem, enquanto inte-grante desse meio natural, sobrevivia de maneira simples, respeitando o espaço e a vida dos outros seres e tinha fartura ao seu redor, no que diz respeito à quantidade de espécies de animais e plantas que lhe favorecia uma busca do essencial sem agredir a natureza.

Segundo a liderança Seu Estevão Henrique dos Santos, da localidade de Tapera, antigamente, existia abrigo para os animais. As lagoas eram soltas, e tudo era livre. Assim os ani-mais podiam viver à vontade, tanto os que moravam na mata como os criados em casa. Porém, com a chegada da empresa “Ducoco”, tudo mudou e ficou mais difícil, pois as plantas foram desmatadas e as lagoas cercadas, acabando assim com os animais dessa região. Seu Estevão cita algumas plantas que existiam antigamente, como a tatajubeira, o juazeiro, o car-deiro, a imburana, o cajuí, a chanana, a santamaría (também conhecida como caninana), o mufumbo-branco, mirindiba, a ubaia, a ameixeira, o muricizeiro, a guabirabeira e outras, que

serviam como base para retirada da alimentação. Segundo ele, da localidade da Tapera até a Camboa da Lama, era uma mata só, uma vegetação alta e fechada, onde existia apenas vereda para as pessoas andarem, e nesse espaço tinha muitos animais, dos quais alguns desapareceram completamente e outros ainda existem na pouca vegetação restante. Ele afirma ainda que antigamente eles passavam por muitas dificuldades, as mulheres arrancavam a raiz da tatajubeira para fazer a farinha enquanto os homens iam pescar, para assim misturar a farinha com o peixe. Apesar da diversidade de seres para se comer, isso nem sempre era possível, pois a natureza tem seus segredos e, como diz o ditado, um dia é da caça, o outro do caçador.



4

A FAUNA E A FLORA HOJE

Hoje a Região da Mata dispõe de uma diversidade de plantas não nativas, sendo uma grande parte de frutíferas e outras que servem apenas para propiciar sombras e decoração dos lares; mesmo assim, as pessoas ainda desfrutam de sua beleza e, na maioria das vezes, se deliciam com frutos e se encontram com o desabrochar das flores, que deixam seus aromas neste espaço.

Com o aumento da população e a necessidade de cercar grande parte dos espaços, não há mais vegetação suficiente para as pessoas coletarem seus frutos e fazerem suas caçadas.

Das plantas que foram muito importantes para nós, muitas já praticamente não existem mais, como mapirunga, mankunã-de-raiz, mandacaru, sogo, melancia-da-praia, caninana (santa-maria), mirindiba; e outras estão em extinção, das quais podemos citar a tatajubeira, a imburana, a chanana, a mankunã-de-carçoço, o carrasco, a murta, canapum, bosta-de-calango, maria-pretinha, melão-caetano, marmeleiro, acende-candeia, croatá, moxó e rabo-de-tatu.

Hoje se pode relatar com convicção que alguns animais já não existem mais em nossa área. Por exemplo, o caititu, o jacu, a onça vermelha, a cutia, o zambelê, o tatu, a paca, o mambira, o turututu, siricora, juriti, nambu, a pecapara, maracanã, socó-tamatião, socó-boi, galinha d'água, papa-arroz,

sol, tabaco, mergulhão, gaivota, garça-colhereira, garça-parda, jandaia, veado.

Dois lideranças que se destacam como antigos caçadores são o Tio Mané Maroca e o Tio Dete (Deusdete), ambos da Varjota.

O Tio Mané Maroca disse que

Das plantas e animais que existiam antes pode-se citar a mapiirunga, tatajuba, maracujá-do-mato, araçá-do-mato, melancia-da-praia, canapum, goiabinha, puçá, jenipapo, panã, araticum, jatobá, canela, massaranduba, ubaia, mandacaru, sogo, croatar, veado, tatu, mambira, preá, punaré, juriti, galça culelera, maracanã, galça-parda, periquito, marreca, socó-tamatião, socó-boi, tatu, papa-arroz, sol, tabaco, onça-vermelha, porco do mato, marguião, jacu, cutia, tejo, garjota, maria tataca, mucunã de raiz, cipó vermelho.... O desaparecimento desses animais se deu por causa do desmatamento e por causa do aumento do povo. Em minha época a gente comia muitos passarinhos, matava de baladeira, pegava de arapuca, e matava as outras caças de besta, arpão. Depois da caça, chegava e colocava logo na água timbra [água e sal - sem tempero] para comer.

O Tio Dete conta que “aqui na Varjota, quando o finado Trajano chegou, do corgo do bebedor pra baxo até chegar na beira do lagamar era só um capão de cajueiro. E tinha muita manipeba, mas ninguém sabe quem *prantou*”. Fala ainda que

O Sr. Raimundo Caboco e o Mané Alonso ia numa rareda e perto do corgo, lá num tronco de jucazeiro, quando lai rem uma muier, e um trosseu e outro ficou na urela da rareda...e a muier rei e passou e era uma muier que ele nunca tinha risto. E ele dixeu quem é rocê? Ela dixeu eu sou daqui das varjota. - E aí adonde era que você morarra? - “Eu morarra aqui. Eu me mudei daqui nos três oitos” [1888] [respondeu ela].

Ele comenta que

essa cajueirada, que tinha, talvez, era essa muier que tinha prantado e que passou aqui agora, certamente visitando o local de sua antiga morada. Ela ainda rerre por aí, não foi simbora daí não. Na antiga morada do finado Caboco, onde passarra a estrada para o Corgo das Moças, a negada tarram quando aí rem cunrer-sando, eles ficarram isperando e, cadê, ninguém!?! Era o pessoal trerressando na estrada pra lá... e descendo... que ali era uma istrada arrial tombem..." Ela foi questionada que era ela e ela respondeu que era desse lugar das Varjota [essa mulher era uma visagem, um espírito dos antepassados].

Ele continua:

Por bem, hoje, a mapirunga não existe mais, né? A goiabinha também não existe, ubaia é muito pouco. Puçá ainda existe, mas também é muito pouco. Tudo diminuiu, e algumas num tem é de jeito nenhum. Já acabaro tudo. Os animais que eu conheci, o riado, o preiá, culelera, marreca, socó-tamatião, gairrota, sol, tabaco, perquito... Aqui existia a onça rermea, a galça culelera tinha demais, aqui no lagamar quaiarra, quaiarra, quaiarra, aí era uma coisa bunita! Negada, tinha caça de mais aqui. Eu, tinha rez que eu ia pescar e nem fazia jeito de pegar nada, pa pegá minha baladera e entrá neche capão de mato aí, qui aí era um capão de matu, e entrarra neche capão aí e quando saía do lado de riba, a troxa de passarim era assim [fazia um desenho gestual com as mãos tentando mostrar a quantidade de pássaros que matava] qui eu trazia pra nós cumê... ninguém num pode nem arraliá, macho... matarra e era de baladera! Era passo de todo jeito, macho, arrimaria! Echese animais acabaro. Eu quero dizer qui foi por tudo: premeramente, porque distruíro os mato, aí os bicho rão ficá onde, né? Depois, o rumo de gente também cresceu e de qualquer manera inrade tudo. Patramente era uma preasada danada, a gente ria no terrero.... cadê os mato!? E além do mato, o porro [quer dizer que o número de pessoas no local aumentou]. Antigamente a gente matarra era de baladera, eu era perfessional...

Das espécies de animais que ainda restam hoje, em pequena escala, podemos citar o guaxinim, gato-do-mato, tujubina, preá, punaré, cassaco, camaleão, tejo, peba, soim, entre outros, os pássaros como nambu, coruja, lavandeira, juriti, socó, marreca, jaçanã, carão, coruja.

Vale lembrar que há uma preocupação das comunidades com o futuro dessas espécies uma vez que, com o aumento da população, implicando no desmatamento e na diminuição dos espaços naturais, a tendência é mais espécies desaparecerem. Dessa forma, é que se pensa na prática de registrar, das mais diversas formas, as espécies existentes, para que se possa repassar às futuras gerações, possibilitando o conhecimento desses animais que existiam nessa área.



5

OS IMPACTOS DA EXTINÇÃO DE ALGUMAS ESPÉCIES NA VIDA DO POVO TREMEMBÉ

Alguns anos atrás, a área Tremembé, mais especificamente na Região da Mata, era muito rica em todas as espécies, facilitando assim a reprodução dos animais e a multiplicação dos frutos.

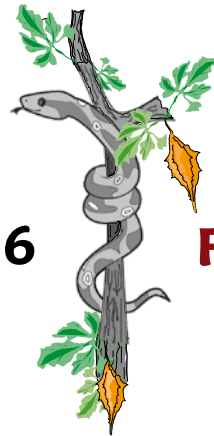
Com o passar do tempo, as espécies foram diminuindo devido à invasão da empresa Ducoco e ao aumento da população; com isso, grande parte da vegetação foi substituída por outros tipos de plantas, causando assim a morte de alguns animais e o desaparecimento de outros.

No processo de povoação dessa região muitas mudanças ocorreram, como, por exemplo, os hábitos dos nossos mais velhos, as fontes alimentícias e os espaços de viverem e se deslocarem dentro do próprio espaço. As pessoas mais velhas tinham o hábito de observarem as andanças e vivências dos animais e delas tirarem como base para construção de suas formas de viver, cantar e dançar. Na vivência, os Tremembé sempre se basearam nos animais para repassarem seus ensinamentos para os mais novos, usando as práticas como experiências e o comportamento desses animais para alcançarem seus objetivos e sobreviverem na vida, e isso era repassado para as futuras gerações para ser seguido. No ato de cantar, eles usavam as mais diversas espécies como fonte inspiradora para construírem suas músicas e o canto dos pássaros

para tentarem reproduzir dentro do Torém. Na dança, imitavam as andanças dos seres selvagens, suas brigas e fugas das presas dentro da natureza.

Outro impacto, resultante do aumento populacional e utilização da terra, foram a poluição orgânica, implicada pelos restos de materiais das mais diversas formas. Essa poluição veio a resultar no afastamento de algumas espécies de animais, uma vez que estes não se adaptaram aos lixos produzidos pelo homem. As condições de vida impostas aos animais por todo esse processo, a de que se era preciso viver junto aos diversos tipos de lixos, a de se viver em um espaço bastante reduzido e a de que tinha de se viver junto dos homens, favoreceu outra mudança na vida das pessoas, a de que era preciso abdicar das práticas cotidianas e partir para a busca de outras fontes de sobrevivência.

Com isso, as pessoas diminuíram suas práticas de caçarem os animais para comerem. A atividade de pesca nas lagoas também diminuiu, e os caminhos por onde as pessoas passeavam, passavam para pescarem, trabalharem e caçarem, foram cercados ou foram feitas construções nesses locais, impedindo o deslocamento, a liberdade do ir e vir. Mas para não perderem seus costumes, alguns Tremembé adotaram e vêm adotando práticas que, às vezes despertam reflexões sobre as mesmas. Essas práticas consistem em retirar algumas espécies ainda existentes nessa região e cuidar dos mesmos em casa, tendo-os como animais de estimação e comestíveis.



FLORA TREMEMBÉ

Várias espécies da flora local estão aqui representadas por meio de fotografias, acompanhadas de informações sobre as plantas e sua utilização na cultura Tremembé.

As plantas estão organizadas por ordem alfabética dos nomes populares. Seguindo os nomes populares, estão os nomes científicos (destacados em *itálico*) e os respectivos autores (pesquisadores que descreveram as espécies para a ciência). Os nomes científicos seguidos de “sp.” se referem a espécies que não puderam ser identificadas.

Os nomes científicos são como nomes de registro, ou de batismo, enquanto que os nomes populares são como apelidos ou o nome como são mais conhecidos. Os nomes populares variam muito de um local a outro, podendo duas plantas diferentes terem o mesmo nome, ou vários nomes serem utilizados para a mesma planta. Já o nome científico não varia e é o modo como uma planta, com todas as suas características, é “registrada” oficialmente.

ACENDE-CANDEIA

Plathymenia reticulata (Benth.)

Família: Fabaceae.

Utilização: os antigos diziam que, no final dos tempos, vinham três dias de escuro, e a única coisa que acendia era um tição de acende-candeia da fogueira de São João. A lenha é bastante utilizada para fogo.



Fotografia: acervo dos autores.

ALGODÃO

Gossypium sp.

Família: Malvaceae.

Utilização: o caroço serve para o “ramo”, o sumo da folha para frieira, e a raiz serve para lavar ferimentos, livrando-os de inflamação.



Fotografia: acervo dos autores.

ALMESCA

Protium heptaphyllum (Aubl.) March.

Família: Burseraceae.

Utilização: a resina é usada na fabricação de defumante para afastar espíritos ruins, mau olhado e energias negativas.



Fotografia: acervo dos autores.

AMEIXEIRA

Ximenia americana (L.)

Família: Ximeniaceae.

Utilização: o cozinhado da casca dessa planta serve para inflamação. O fruto serve de alimento.



Fotografias: (acima), alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota; (abaixo) acervo dos autores.

ARAÇÁ-DO-MATO
Psidium guineense (Sw.)

Família: Myrtaceae.

Utilização: faz-se o suco, e se ingere a fruta.



Fotografia: acervo dos autores.

ARATICUM
Annona spp.

Família: Annonaceae.

Utilização: serve para comer.



Fotografia: acervo dos autores.

BATIPUTÁ

Ouratea sp.

Família: Ochnaceae.

Utilização: o óleo serve para dor de reumatismo e era utilizado na fritura de alimentos. Era usado ainda pelos nossos antepassados, como combustível em lamparinas para se iluminar.



Fotografias: acervo dos autores.

CAJUEIRO

Anacardium occidentale (L.)

Família: Anacardiaceae.

Utilização: sua lenha é usada para queimar no forno quando se faz farinha de mandioca. Seu caule é utilizado para o feitiço de chaprão para se colocar na prensa. Já o seu fruto, quando azedo, serve para produzir o moco-roró, bebida sagrada dentro do ritual dos Tremembé.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CAJUI

Anacardium humile (A.) St.-Hil.

Família: Anacardiaceae.

Utilização: a casca dessa árvore, de molho, serve para inflamação.



Fotografia: acervo dos autores.

CANAPUM

Cardiospermum corindum (L.)

Família: Sapindaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para inchaço e dor nos rins.



Fotografia: alunos do 3º ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CANINANA

Chiococca alba (L.) Hitchc.

Família: Rubiaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para menstruação atrasada.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

CARAÚBA

Jacaranda copaia (D.) Don

Família: Bignoniaceae.

Utilização: a madeira é usada como estacas.



Fotografia: acervo dos autores.

CARDEIRO

Pilosocereus catingicola (Gürke) Byles & G. D. Rowley

Família: Cactaceae.

Utilização: o espinho é usado como instrumento no feitiço da renda. O miolo serve de alimento para os animais.



Fotografia: acervo dos autores.

CARNAÚBA

Copernicia prunifera (Mill.) H. E. Moore

Família: Arecaceae.

Utilização: a palha nova é usada no feitiço de artesanato. O fruto é comestível. O caule e as palhas são usados em cobertas de casas, e suas raízes para fazer garrafadas para afinar o sangue.



Fotografia: acervo dos autores.

CATINGUEIRA

Poincianella bracteosa (Tul.) L. P. Queiroz

Família: Fabaceae.

Utilização: o chá da flor serve para diarreia.



Fotografias: acervo dos autores.

CHANANA

Turnera ulmifolia L.

Família: Passifloraceae.

Utilização: o sumo da folha pisada serve para frieira e próstata.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

COAÇU

Coccoloba latifolia Lam.

Família: Polygonaceae.

Utilização: a baba é usada para desmentidura.
O fruto é comestível.



Fotografias: acervo dos autores.

COQUEIRO

Cocos nucifera L.

Família: Arecaceae.

Utilização: o “olho” do coco verde serve para diarreia. A carne é utilizada para temperar. Já o azeite feito do coco se utiliza em feridas. A “quenga” do coco é utilizada para fazer os maracás, instrumentos usados nas danças.



Fotografias: acervo dos autores.

CROATÁ

Bromelia auriculata L. B. Sm.

Família: Bromeliaceae.

Utilização: seu fruto é comestível. Além disso, o pelo da palma serve para queimadura.



Fotografias: acervo dos autores.

GENIPAPO

Genipa americana L.

Família: Rubiaceae.

Utilização: Faz-se, a partir da raspa dele, misturado com outras substâncias, um líquido usado na pintura corporal. Usada nos momentos festivos do movimento Tremembé.



Fotografia: acervo dos autores.

GOIABINHA

Psidium guajava L.

Família: Myrtaceae.

Utilização: o chá das folhas novas é útil para diarreia, e os frutos são comestíveis.



Fotografia: acervo dos autores.

GUABIRABA

Campomanesia aromatica (Aubl.) Griseb.

Família: Myrtaceae.

Utilização: o cozinhado da folha da guabiraba serve para inchação.



Fotografias: acervo dos autores.

GUAJIRU

Chrysobalanus icaco L.

Família: Chrysobalanaceae.

Utilização: serve como alimento.



Fotografias: acervo dos autores.

IMBURANA-DE-ESPINHO

Commiphora leptophloeos (Mart.) J. B. Gillett

Família: Burseraceae.

Utilização: usada como estacas, lenha.



Fotografias: acervo dos autores.

JATOBÁ

Hymenaea courbaril L.

Família: Fabaceae.

Utilização: da raspa dele, faz-se o mel para curar a gripe. Seu fruto serve como alimento.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

JUAZEIRO

Ziziphus joazeiro Martius

Família: Rhamnaceae.

Utilização: a raspa serve para limpeza dos dentes e corpo em geral.



Fotografias: acervo dos autores.

MALVA-SANTA

Plectranthus barbatus Andr.

Família: Lamiaceae.

Utilização: o sumo desta planta serve para inflamação uterina. E o lambedor é usado para gripe.



Fotografia: acervo dos autores.

MANGUE-DE-BOTÃO

Conocarpus erectus L.

Família: Combretaceae.

Utilização: como estacas nas construções de cercas, etc.
Serve como moradia para os crustáceos.



Fotografias: acervo dos autores.

MANGUE-VERMELHO

Rhizophora mangle L.

Família: Rhizophoraceae.

Utilização: seu caule é usado na construção de casas e chiqueiros, como cabos de enxadas, foices.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

MANJERIOBA

Senna occidentalis (L.) Link

Família: Fabaceae.

Utilização: sua folha é usada no momento da reza. A semente é utilizada na fabricação do colar. Já a raiz serve para uso de limpeza do útero.



Fotografias: acervo dos autores.

MARACUJÁ-DO-MATO
Passiflora cincinnata Mast.

Família: Passifloraceae.

Utilização: usado para comer.



Fotografias: acervo dos autores.

MASSARANDUBA

Manilkara trifora (Allemão) Monach.

Família: Sapotaceae.

Utilização: o fruto é comestível, e o caule é usado nas construções.



Fotografias: acervo dos autores.

MELANCIA-DA-PRAIA
Solanum capsicoides All.

Família: Solanaceae.

Utilização: utilizamos como alimento.



Fotografia: acervo dos autores.

MELÃO-CAETANO
Momordica charantia L.

Família: Cucurbitaceae.

Utilização: a rama serve para doença de olho. E a semente é alimento dos pássaros.



Fotografias: acervo dos autores.

MUCUNÃ-DE-CAROÇO

Dioclea spp.

Família: Fabaceae.

Utilização: os mais velhos, quando iam caçar, usavam a água de seu caule para matar sua sede. Seu caroço serve para atirar e é usado nas brincadeiras.



Fotografias: acervo dos autores.

MUFUMBO-BRANCO
Combretum leprosum Mart.

Família: Combretaceae.

Utilização: o chá da raiz serve para diarreia e para afinar o sangue.



Fotografia: acervo dos autores.

MURICI

Byrsonima crassifolia (L.) Kunth

Família: Malpighiaceae.

Utilização: o chá da casca do muricizeiro serve para diabetes. O fruto serve de alimento.



Fotografias: acervo dos autores.

MURTA

Eugenia punicifolia (Kunth) DC.

Família: Myrtaceae.

Utilização: seu fruto serve como alimento.



Fotografias: acervo dos autores.

PANÃ
Annona glabra L.

Família: Annonacea.

Utilização: a fruta é comestível.



Fotografias: acervo dos autores.

PAU-FERRO

Libidibia ferrea (Mart. ex Tull.) L. P. Queiroz

Família: Fabaceae.

Utilização: esta planta é usada como base nas experiências de inverno. Sua casca e bajem têm serventia na cura de peito aberto.



Fotografias: acervo dos autores.

PIÃO-BRABO

Jatropha mollissima (Pohl) Ball.

Família: Euphorbiaceae.

Utilização: sua folha é usada para afastar demônios, cura e rezar. O leite serve para desmentidura, curar mal de galinha e asma (antigo “puxado”).



Fotografia: acervo dos autores.

PIÃO-ROXO

Jatropha gossypifolia L.

Família: Euphorbiaceae.

Utilização: recomendada plantar em frente às moradas para afastar mau olhado, inveja. A folha é usada em reza.



Fotografia: acervo dos autores.

PODARQUE (PAU-D'ARCO)

Tabebuia spp.

Família: Bignoniaceae.

Utilização: a casca, de molho ou mastigada, serve para dor. A madeira é usada como estaca e para fazer o “varão da prensa” nas farinhadas.



Fotografias: (acima) acervo dos autores; (abaixo) Wilson Franklin Jr.

PUÇÁ

Mouriri cearensis Huber

Família: Melastomatacae.

Utilização: é alimento tanto dos humanos quanto dos pássaros. O fruto, quando ainda verde, sendo pisado, serve para diarreia.



Fotografias: acervo dos autores.

TATAJUBA

Maclura tinctoria (L.) D. Don ex Steud.

Família: Moraceae.

Utilização: usada para comer. Os índios mais velhos faziam pirão da fruta, servindo como farinha na mistura com o peixe.



Fotografia: alunos do 3º. ano da Escola Diferenciada de E. F. M. Varjota.

TORÉM

Cecropia pachystachya Trécul

Família: Urticaceae.

Utilização: o chá serve para doenças no fígado e inchaço no corpo. Essa planta inspirou o nome da principal dança dos Tremembé, o Torém. Isso porque antigamente a dança era feita debaixo dos pés de torém.



Fotografia: acervo dos autores.

UBAIA

Eugenia luschnathiana (O. Berg) Klotzsch ex B. D. Jacks

Família: Myrtaceae.

Utilização: seu fruto é comestível.



Fotografias: acervo dos autores.

VASSOURA-DE-BOTÃO

Borreria verticillata (L.) G. Mey

Família: Rubiaceae.

Utilização: é usada como elemento de reza.



Fotografia: acervo dos autores.

VASSOURINHA
Scoparia dulcis L.

Família: Plantaginaceae.

Utilização: é usada para varrer o terreiro e rezar. Com ela se faz emplastro para curar desmentidura.



Fotografias: acervo dos autores.



7

FAUNA TREMEMBÉ

Para esta parte do livro, tendo em vista a dificuldade de se conseguir fotografias dos animais das matas, algumas foram tiradas de animais em cativeiro. Buscou-se ainda uma contribuição dos educandos nas escolas da comunidade, na forma de ilustrações de alguns dos animais comentados no texto. Para isso, foi necessária a exposição de forma sucinta da trajetória do MITS, bem como das atividades de finalização deste curso. Expusemos sobre a temática abordada e a finalidade do trabalho e propusemos a colaboração dos alunos na parte de ilustrações para o livro, levando em consideração os conhecimentos discentes adquiridos na escola, uma vez que desde cedo as crianças já recebem informações acerca do assunto e os conhecimentos adquiridos ao longo das experiências de vida.

Na prática das ilustrações, os alunos sentiram dificuldade, uma vez que se tratava de representar vários animais que já haviam desaparecido da região. Para isso, a turma precisou pesquisar com pessoas mais experientes dentro da comunidade, as características desses animais.

Da mesma forma que para a flora, os animais estão mostrados por ordem alfabética dos nomes populares, que, por sua vez, estão seguidos dos nomes científicos e os respectivos autores das espécies. As mesmas observações para os nomes das plantas servem para os nomes dos animais.

ARAPUÁ

Trigona spinipes (Fabricius, 1793)

Família: Apidae.

Utilização: o mel serve de alimento, e o saburá para fazer cera.



Fotografias: acervo dos autores.

CAMALEÃO

Iguana iguana (Linnaeus, 1758)

Família: Iguanidae.

Utilização: é usado como caça, para alimentação.



Fotografia à direita: Miguel S. de Carvalho Braga.



CARÃO

Aramus guarauna (Linnaeus, 1766)

Família: Aramidae.

Utilização: ave comestível e típica do manguezal. Suas penas são usadas em enfeites de artesanatos.

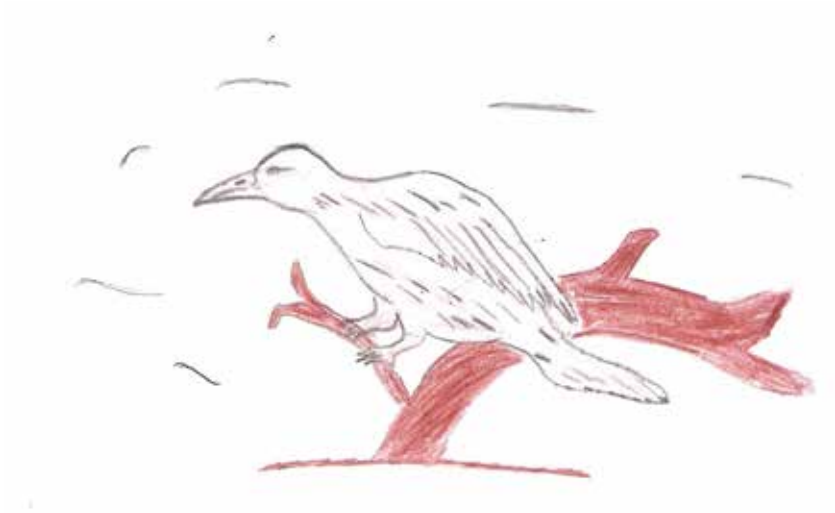


Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

CASSACO

Didelphis albiventris (Lund, 1840)

Família: Didelphidae.

Utilização: é um tipo de gambá comestível.

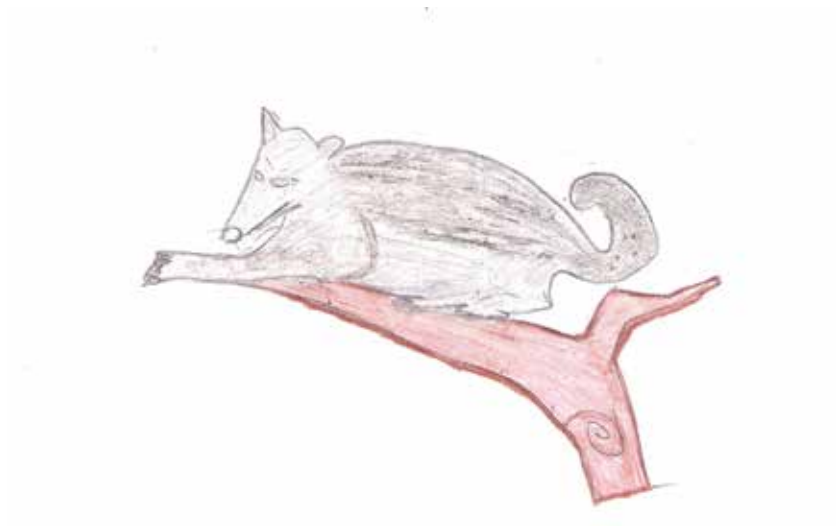


Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Piedade dos Santos.

COBRA-CANINANA

Spilotes pullatus (Linnaeus, 1758)

Família: Colubridae.

Utilização: é um réptil inofensivo. Sua banha serve para curar feridas.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

COBRA-DE-VEADO

Boa constrictor (Linnaeus, 1758)

Família: Boidae.

Utilização: é um animal dócil e ajuda na limpeza de roedores.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

CUTIA

Dasyprocta sp.

Família: Dasyproctidae.

Utilização: é caça usada habitualmente para alimentação.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Rita Marcidiane Azevedo.

GARÇA-BRANCA

Ardea alba (Linnaeus, 1758)

Família: Ardeidae.

Utilização: antigamente, como havia muitas, serviam como alimento, e as penas eram usadas em enfeites.



Fotografias: Miguel Sávio de
Carvalho Braga.



GATO-DO-MATO

Leopardus tigrinus (Schreber, 1775)

Família: Felidae.

Utilização: caça para alimentação.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

GAVIÃO

Rupornis magnirostris (Gmelin, 1788)

Família: Accipitridae.

Utilização: ave comestível. Suas penas servem para enfeites e feitiços de cocás.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

GUAXINIM

Procyon lotor (Linnaeus, 1758)

Família: Procyonidae.

Utilização: serve como alimento. É protetor do mangue e personagem das lendas e músicas do povo Tremembé.



Fotografia: Wilson Franklin Jr.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

JAÇANÃ

Jacana jacana (Linnaeus, 1766)

Família: Jacanidae.

Utilização: ave típicas das lagoas, serve como alimento.



Fotografia: Elisa Lombard.

Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Francisco Elisnaldo de Sousa.

JACU

Penelope jacucaca (Spix, 1825)

Família: Cracidae.

Utilização: caçado como alimento.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

JANDAIA

Aratinga jandaya (Gmelin, 1788)

Família: Psittacidae.

Utilização: ave importante da história da língua e música do povo Tremembé, além de ser comestível.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

LAVADEIRA

Fluvicola albiventer (Spix, 1825)

Família: Tyrannidae.

Utilização: serve como imagem representativa de Deus, sendo ela quem havia lavado as vestes do Senhor. Por isso não é caçada.



Ilustração: Rita Marcidiane Azevedo.

NAMBU

Crypturellus parvirostris (Wagler, 1827)

Família: Tinamidae.

Utilização: caçada como alimento.

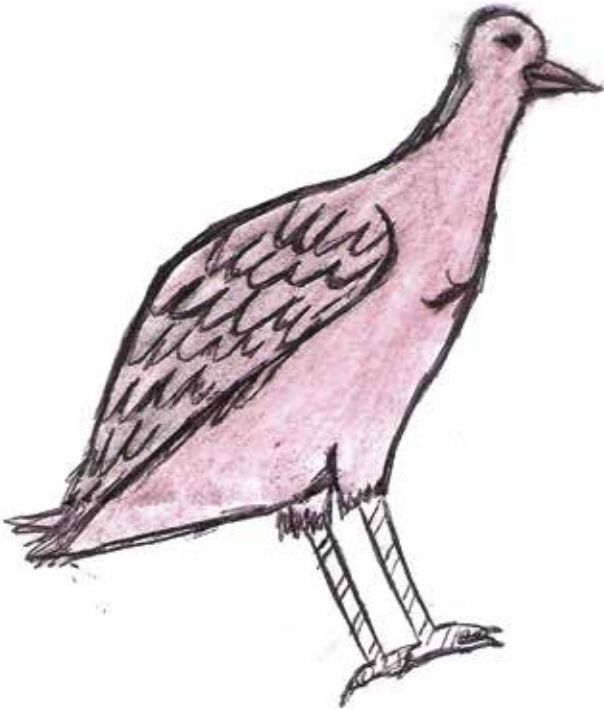


Ilustração: Daniel Xavier dos Santos.

ONÇA-VERMELHA

Puma concolor (Linnaeus, 1771)

Família: Felidae.

Utilização: seu couro serve para fazer bancos, tambores, além de sua carne servir como alimento.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

PREÁ-DO-MATO

Cavia aperea (Erxleben, 1777)

Família: Caviidae.

Utilização: roedor que serve como alimento.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

SARIEMA

Cariama cristata (Linnaeus, 1766)

Família: Cariamidae.

Utilização: caçada como alimento.



Fotografia: acervo autores.

SIRICORA

Aramides cajanea (Statius Muller, 1776)

Família: Rallidae.

Utilização: típica das lagoas, serve como alimento.



Ilustração: Francisco Manoel Guilherme e Maria Aurilene de Holanda.

SOCÓ-BOI

Tigrisoma lineatum (Boddaert, 1783)

Família: Ardeidae.

Utilização: serve como alimento.



Ilustração: Daniel Xavier dos Santos.

TATU

Tolypeutes tricinctus (Linnaeus, 1758)

Família: Dasypodidae.

Utilização: serve como alimento, era muito caçado.

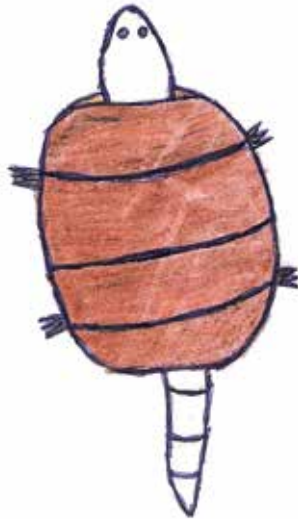


Ilustração 1: Maria Milena Gonçalves Miranda.

Ilustração 2: Francisco Manoel Guilherme e Ariane.

TEJO

Tupinambis sp.

Família: Teiidae.

Utilização: a banha serve para dor de dente, o couro serve para fazer bainhas de facas e outros acessórios e a carne serve como alimento.



Fotografia: acervo dos autores.

BIBLIOGRAFIA

ASSOCIAÇÃO MÃE-DA-LUA [site]. Disponível em: <<http://www.mae-da-lua.org/port/index.html>>. Acesso em: 26 out. 2012.

CENTRO DE REFERÊNCIA EM INFORMAÇÃO AMBIENTAL. Flora Brasiliensis. Disponível em: <<http://florabrasiliensis.cria.org.br/index>>. Acesso em: 22 set. 2012.

FLORA DO CEARÁ. Conhecer para Preservar. Disponível em: <<http://www.floradoceara.com.br/index.php>>. Acesso em: 22 set. 2012.

GIULIETTI, Ana Maria et al. Diagnóstico da vegetação nativa do bioma Caatinga: Parte II. In: SILVA, José Maria Cardoso da et al. *Biodiversidade da Caatinga: áreas e ações prioritárias para a conservação*. Brasília: Ministério do Meio Ambiente; Universidade Federal de Pernambuco, 2003. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biomas/category/61-caatinga>>. Acesso em: 14 out. 2012.

INTEGRATED TAXONOMIC INFORMATION SYSTEM. Disponível em: <<http://www.itis.gov/>>. Acesso em: 26 out. 2012.

LISTA DE ESPÉCIES DA FLORA DO BRASIL 2012. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/2012/>>. Acesso em: 22 set. 2012.

MAIA-SILVA, Camila et al. Guia de plantas: visitadas por abelhas na caatinga. 1. ed. Fortaleza: Editora Fundação Brasil

Cidadão, 2012. Disponível em: <<http://www.mma.gov.br/publicacoes/biomas/category/61-caatinga> >. Acesso em: 14 out. 2012.

MINISTÉRIO PÚBLICO DO ESTADO DO CEARÁ. Promotoria de Justiça do Meio Ambiente e Planejamento Urbano. Aves Silvestres do Brasil. Disponível em: <www.mp.ce.gov.br/orgaos/PROMA/animais/avessilvestres.pdf>. Acesso em: 14 out. 2012.

PLANTAMED. Disponível em: <<http://www.plantamed.com.br/>>. Acesso em: 22 set. 2012.

WIKIAVES. Disponível em: <<http://www.wikiaves.com.br/>>. Acesso em: 30 out. 2012.

TÍTULOS DA COLEÇÃO “MAGISTÉRIO PÉ NO CHÃO”

1. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Professor)
2. Primeiras letras na cultura Tremembé (Livro do Aluno)
3. Fauna e flora Tremembé da Região da Mata
4. História da educação diferenciada Tremembé
5. O Lagamar na vida dos Tremembé de Varjota e Tapera
6. Inventário de elementos da cultura material do povo Tremembé
7. Luta e resistência dos Tremembé da Região da Mata pelo seu Território
8. Aldeamento Tremembé de Almofala: o espaço do Mangue Alto - ontem e hoje
9. Medicina tradicional do povo Tremembé
10. *Dicumê* Tremembé de antes e de hoje
11. Jogos matemáticos para as escolas indígenas Tremembé
12. A pesca no Mar de Almofala e no Rio Aracati-mirim: histórias dos pescadores Tremembé
13. Os encantados e seus encantos: narrativas do povo Tremembé de Almofala sobre os encantados
14. Histórias Tremembé: memórias dos próprios índios



Imprensa Universitária da Universidade Federal do Ceará - UFC
Av. da Universidade, 2932 - fundos, Benfica
Fone: (85) 3366.7485 / 7486
CEP: 60020-181 - Fortaleza - Ceará

imprensa.ufc@pradm.ufc.br

